

MONIÇÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO IV DOMINGO COMUM B 2012

Monição Inicial: Jesus entra na sinagoga. E ensina com autoridade! E a verdade é que a sua doutrina tem a novidade de um Mestre, cuja Palavra agita violentamente os espíritos mais acomodados. A força de Jesus está na coerência e no testemunho da verdade. À sua luz, reconheçamos os nossos pecados.

Kyrie:

Pai: Porque nem sempre fazemos o que dizemos, nem cumprimos o que mandámos, nós pedimos perdão ao Senhor:

P- Senhor, tende piedade de nós!

Assembleia: Senhor, tende piedade de nós!

Mãe: Porque abusamos da nossa autoridade e impomos aos nossos filhos aquilo que não escolhemos para nós, pedimos perdão ao Senhor:

P- Cristo, tende piedade de nós!

Assembleia: Senhor, tende piedade de nós!

Filho: Porque nem sempre obedecemos aos nossos pais, com alegria, nós pedimos perdão:

P- Senhor, tende piedade de nós!

Assembleia: Senhor, tende piedade de nós!

Glória

Oração coletiva

Homília no IV Domingo Comum B 2012

“Uma nova doutrina e com tal autoridade!” (Mc.1,27)

1. Jesus surpreende, não tanto pelo que ensina, mas pelo modo como ensina: «porque os ensinava com autoridade e não como os escribas» (Mc.1,22). O que está em causa, não é a matéria de ensino; é sobretudo a viva «impressão» que a pessoa de Jesus, causa nos seus interlocutores! A sua autoridade não lhe vem da idade, nem do curso superior, nem do voto do povo, nem de um lugar de poder! Vem-lhe, afinal, de dentro, vem-lhe da coerência do seu testemunho: Ele diz e faz. Ele faz o que diz. A sua Palavra é eficaz e os seus gestos falam por si! Sem dúvida, “o testemunho da vida é a forma simples e espontânea de irradiar valores e a credencial das palavras que se comunicam”¹!

2. Aqui está um verdadeiro desafio, para todos os educadores, para padres, pais, padrinhos, catequistas e professores: o de uma autoridade “que é mais do que um poder”. Assim o disse, aliás, um conhecido escriba da praça, o psiquiatra Daniel Sampaio. Num artigo publicado há oito dias², dizia ele: “Não se pode educar, ensinar ou dirigir sem autoridade! Um pai recebe um poder legítimo para educar; um professor é investido do poder para ensinar; um chefe democrático é escolhido para dirigir. A autoridade, todavia, é mais do que um poder, permite ir mais além se for legitimada pela dignidade pessoal de quem a exerce”. Há muito o tinham dito os Bispos Portugueses, numa Nota sobre a Educação: “A autoridade do «mestre» em educação, passa mais pelo que ele vive e faz e não só pelo que diz. Educar, como processo de conduzir e alimentar, não é substituir-se ao educando: é caminhar com ele. Nesse caminho

¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota Pastoral, Educação: Direito e dever*, 6.01.2002, n.14

² DANIEL SAMPAIO, *A deriva autoritária*, in *Pública*, 22.01.12, pág.49

comum, os modelos e a palavra testemunhada pela vida têm lugar relevante, mesmo insubstituível”³.

3. Fala-se hoje muito de voltar a dar autoridade aos professores, até de penalizar os pais, que são permissivos na educação dos filhos, de investir na autoridade dos agentes de segurança. E a tentação, para repor a ordem na casa, na escola e na sociedade, pode ser a de um novo autoritarismo! Temos de parar para pensar! Todos reconhecemos que “numa sociedade em que os direitos são sempre realçados e onde não é usual falar de deveres, em territórios onde impera o individualismo e o narcisismo, o exercício da autoridade não é fácil”⁴.

4. Todavia, “pais e professores lúcidos sabem que não podem voltar a espancar os mais novos, mas por vezes hesitam no caminho a seguir, deixando instalar a permissividade e o caos, como acontece em muitas casas e em tantas escolas. A pedagogia da submissão acabou, mas a pedagogia da liberdade organizada, tem ainda de fazer o seu caminho. Os adultos que educam ou ensinam, por vezes esquecem como o afeto e a exigência são as armas fundamentais a utilizar junto dos mais novos. Ser exigente sem afeto é introduzir a frieza das regras e dos castigos, onde deveria estar o amor e a compreensão. Ser afectuoso sem exigir, é acolher sem limites e impedir a autonomia e a resistência à frustração. A verdade é que a autoridade, face às crianças, tem de partir de uma base segura de entendimento, onde o mais novo, sinta confiança no mais velho e este esteja disponível para a viagem conjunta que é a construção de uma relação. Os pais com autoridade, sem autoritarismo, são calorosos com os seus filhos e educam com firmeza para a responsabilidade,

³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota Pastoral, Educação: Direito e dever*, n.14

⁴ DANIEL SAMPAIO, *A deriva autoritária*, 49

pois não ignoram que o mais importante é ligar a disciplina ao ensino e ao autocontrolo da criança. Nunca ao medo do castigo, ou ao fantasma da retaliação. Por isso, a educação tem de se preocupar com a formação do carácter dos mais novos, para além do esforço exigido com a melhor aprendizagem dos conteúdos”⁵.

5. Falo daqui a cristãos educadores e a educadores cristãos. E lembro-vos mais uma vez: “Na tradição cristã, o testemunho faz parte essencial do anúncio: o ser é o processo mais eficaz e o suporte didáctico mais autêntico do aprender a ser. Por isso se aplica a todo o educador cristão, esta máxima de vida: “*crê o que lêes, ensina o que crês, vive o que ensinas*” (Pontifical da Ordenação de Diácono)⁶”. Esta, e não outra, é a verdadeira força da autoridade do educador cristão, que bem sabe que “a educação é coisa do coração e que só Deus é o seu dono!”⁷

⁵ *Ibidem*

⁶ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota Pastoral, Educação: Direito e dever*, n.14

⁷ SÃO JOÃO BOSCO, *Epistolário*, 4, 209; op. Cit. BENTO XVI, *Discurso*, 05.06.2005

Homília na Missa com catequese (crianças do 1º ano)

1. Queridos irmãos e irmãs: Permitti-me uma saudação muito especial, aos meninos do 1º ano e aos seus pais! Que bom é ver-vos, de novo, aqui. Sobretudo como é belo ver-vos a vós, os mais pequeninos, cada vez mais crescidos! À maneira de Jesus, também vós quereis crescer “*em estatura, em sabedoria e em graça*”!

2. Se bem reparais, vós todos, viestes aqui hoje, realizar um gesto algo semelhante ao de Jesus: num sábado, (o sábado era naquela altura, o grande dia dedicado a Deus), Jesus entrou numa sinagoga: para rezar, para escutar a palavra de Deus, para a compreender e até ensinar. A sinagoga era como que a «*igreja paroquial*», o lugar onde as pessoas se encontravam para rezar e para escutar a Palavra de Deus e a doutrina ou a catequese, que os “*escribas*” explicavam. Jesus ia lá todos os sábados. Sem nunca faltar!

3. Sim, desde pequenino, Maria e José levavam Jesus à sinagoga! E, algumas vezes, durante o ano, sobretudo na altura da Páscoa, levavam-no ao grande Templo de Jerusalém. Os pais de Jesus eram os primeiros a dar o exemplo. E com o seu exemplo de amor a Deus, participavam na oração do Povo! Jesus seguia-lhes o exemplo e Maria e José tinham sobre ele uma grande autoridade, a autoridade próprio de quem diz e faz, de quem faz o que diz. Até o próprio Jesus lhes obedecia, com grande alegria!

4. Deste modo, é que Jesus foi crescendo! *Crescia em estatura*. Vemo-lo já adulto, a ensinar, em Cafarnaum, a sua “segunda cidade”. Mas também *crescia em sabedoria e em graça*! Realmente Jesus cresceu de tal modo em sabedoria, que todos se admiravam dos seus ensinamentos: “*que vem a ser isto, uma nova*

doutrina e com tal autoridade” comentavam as pessoas ao ouvi-lo, e ao ver o poder, que a sua Palavra tinha na vida das pessoas.

5. A partir daqui, gostava de dizer duas palavras muito simples. A primeira é para os pais e a segunda é para os mais pequeninos.

5.1. Queridos pais: vede, como Jesus nos surpreende, não tanto pelo que ensina, mas pelo modo como ensina: *«porque os ensinava com autoridade e não como os escribas»* (Mc.1,22). A sua autoridade vem-lhe do testemunho. Ele diz e faz. A sua Palavra actua... e os seus gestos falam por si! Eis aqui o desafio: *“A autoridade, em educação, passa mais pelo que viveis e fazeis, e não tanto pelo que dizeis. Na tradição cristã, o testemunho faz parte essencial do anúncio. O testemunho da vida é a forma simples e espontânea de irradiar valores, é mesmo a credencial das palavras que dizeis, do ensino que praticais”*. Educareis muito mais pela *impressão*, pela *marca indelével*, que deixais nos filhos, nos catequizandos, e pelo modo como vos relacionais com eles, do que pelos *«sermões»* que lhes pregais. São João Bosco, recordava que *"a educação é algo do coração e que só Deus é o seu dono"*. Portanto, *“a primeira e principal educação tem lugar através do testemunho”* (Bento XVI). E o testemunho é a vossa única autoridade eficaz!

5.2. A segunda palavra é para os meninos do 1º ano e para os demais:

Não deixeis, como Jesus, de virdes cá, à Igreja e na Catequese, para saberdes quem é Jesus e O amardes de todo o coração. Só assim crescereis em sabedoria e em graça, no conhecimento e na amizade com Ele!

Oração dos Fiéis – IV Domingo Comum B 2012

P- Ao Senhor, nosso Deus, confiamos as preces da sua Igreja, aqui reunida em oração:

1. Pela Santa Igreja, Esposa de Cristo: para que a Ele se entregue, de corpo e espírito, preocupando-se apenas com os interesses do Senhor. Oremos irmãos.

2. Pelos que governam os povos: para que gozem sempre daquela autoridade, que brota do testemunho, de uma vida séria e dedicada aos outros. Oremos irmãos.

3. Pelas pessoas que se consagraram a Cristo e à sua missão, e por todos os jovens ainda em vias de consagração: para que, uns e outros, se deixem seduzir pelo Reino e encontrem em Cristo, todo o sentido e plenitude do seu viver. Oremos irmãos.

4. Por todos nós: para que não nos deixemos ocupar e preocupar, com tantas coisas, que não essenciais, mas escolhamos Cristo, como «a melhor parte» da nossa vida. Oremos irmãos.

P- Ó Deus da Liberdade, da Vida e do Amor, concedei aos vossos fiéis a graça de vos escutarem, amarem e servirem, na alegria do vosso Reino. Por NSJC...

Prefácio Comum VIII e Oração Eucarística III

Pai-Nosso: *“Que tens tu que ver connosco, Jesus de Nazaré: vieste para nos perder?”*. Em relação a um qualquer Deus, que entrasse na minha vida, para me tolher, para me humilhar, para me escravizar, também eu seria ateu! Mas não. O nosso Deus, é o Deus da Vida, da Aliança, do Amor. Ele não nos tira nada. Dá tudo. E torna a nossa vida, cheia da beleza do amor. Nesta confiança, ousamos rezar...

Homilia no IV Domingo Comum B 2009

“Provavelmente Deus não existe. Deixe de preocupar-se e desfrute a vida”!

1. São duas frases publicitárias, a circular em alguns autocarros, pela cidade de Londres. Trata-se de uma grande campanha, a favor do ateísmo, que parece seguir a sua marcha pela Europa dentro e está já a chegar às nossas portas, na vizinha Espanha! Este «*provavelmente*» deixa no rasto uma mancha de dúvida, que no, mínimo, nos obriga a assumir e a pensar a questão de Deus, como a questão essencial e decisiva da nossa vida. Longe de nos escandalizar, tal “slogan” publicitário pode constituir uma provocação séria à nossa fé! De facto, a suspeita de um Deus, que tolhe e amedronta a vida, é um enorme desafio a «evangelizarmos Deus», a anunciarmos e a mostrarmos com a nossa vida, o verdadeiro rosto do Deus de Jesus Cristo!

2. De facto, bem vistas as coisas, nada de novo debaixo do sol! Esta recusa de Deus, em nome da velha suspeita, de que Ele só serve para complicar a nossa vida, está bem patente no evangelho, quando entra em cena a figura sinistra daquele «*homem, com um espírito impuro*» (Mc.1,23). Ao sentir a proximidade de Jesus, e a força libertadora da sua Palavra, reage furioso, com a pergunta: «*Que tens tu a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder*» (Mc.1,24)? É bem claro o que está subjacente a tal reacção! Como na publicidade já referida, é a ideia feita e imperfeita, de um Deus invejoso da vida e da alegria das pessoas, um Deus que não passa de um “desmancha-prazeres”! Vede: aquele homem não resiste à presença e à proximidade de Jesus! Mas tem medo. Medo que Jesus desarranje a sua vida, medo que Jesus ponha em causa o seu lugar, medo de se comprometer com Jesus. «*Sei quem tu és, o Santo de Deus*» (Mc.1,24). Ele bem vê a diferença. E admira Jesus. Ele sabe que Jesus é o Messias, mas não quer mesmo que Jesus se meta com a sua vida: «*que tens tu que ver connosco, Jesus de Nazaré*» (Mc.1,24)?

3. Olhai: não representará este homem, cada um de nós? Interroguemos a nossa fé, com esta salutar provocação: “*não será que este é o medo de todos nós? Não será que, bem lá no fundo do nosso coração, há este medo de nos abriremos totalmente a Cristo, medo de deixarmos entrar Cristo*”

totalmente dentro de nós? Medo de que Ele nos tire algo na nossa vida? Não teremos, porventura, medo de renunciar a qualquer coisa de grande, de único, que torna a vida assim tão bela”? Alguns jovens, que pensam consagrar-se, temem, em seus pensamentos: “se deixo Cristo entrar, não me arriscarei, a encontrar-me, depois, na angústia e privado da liberdade”?

Não, caros jovens! Não, queridos irmãos e irmãs! «Quem deixa entrar Cristo, não perde nada, nada – absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande! Pelo contrário, só em Jesus Cristo, só na amizade com Ele, é que se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade, é que se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade podemos, experimentar aquilo que é belo e o que liberta»⁸! Digo-vos mais: em relação a um qualquer Deus, que entrasse na minha vida, para me tolher, para me humilhar, para me escravizar, também eu seria ateu!

4. Mas, nos cartazes, o mais impressionante é mesmo a segunda parte: “Deixe de preocupar-se e desfrute a vida.” Curiosamente, São Paulo dizia-nos o mesmo: «Não queria que andásseis preocupados»! Mas di-lo com um sentido novo. Para o Apóstolo, a adesão, de alma e coração, a Cristo, não é fonte de ocupação e preocupação. Antes, pelo contrário, a melhor maneira de não se preocupar e de poder desfrutar a vida, em todo o seu esplendor e beleza, é entregá-la, de corpo e alma, ao serviço de Cristo. Cristo é o único, que verdadeiramente dá futuro à vida presente e paz verdadeira ao coração inquieto! Paulo sabia do que falava, do que vivia e sentia na pele, naquela liberdade do seu coração, inteiramente consagrado à missão, a ponto de excluir: «Para mim, viver é Cristo» (Fil.1,21).

5. Deixemos então que essa voz de Cristo, ecoe e ressoe dentro de nós e cale todos os nossos medos e suspeitas! Escutemos o que a sua voz sussurra ao nosso coração! Em vésperas de mais um «Dia do consagrado», “quero dizer-vos, sobretudo a vós, caros jovens: Não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, e dá tudo! Quem se dá a Ele, recebe cem vezes mais. Sim, abri, escancarai as portas a Cristo – e encontrareis a verdadeira vida”⁹!

⁸ cf. Bento XVI, *Homilia para o início do ministério de supremo pastor*, 24 de Abril de 2005; citada na Festa de Acolhimento dos Jovens em Colónia, 18 de Agosto de 2005

⁹ *Ibidem*

E agora o slogan de resposta, para a viagem da vida: *“Com certeza, Deus existe e ocupa-se de ti. Por isso, não te preocupes e desfruta da vida que só Ele te dá”!*

“PARA MIM, VIVER É CRISTO” (Fil 1, 21)

1.A Igreja escolhe como Dia dos Consagrados a festa litúrgica da Apresentação do Senhor no Templo.

O Evangelho deste dia coloca-nos diante de uma singular Família de Nazaré. Maria e José decididos a cumprir as prescrições religiosas da sua terra preparavam-se para apresentar Jesus no templo de Jerusalém.

Nesse momento marcado do tempo são surpreendidos por duas pessoas, de idade avançada, que aguardavam esta hora: um homem e uma mulher idosos, de olhar voltado para o futuro, capazes de perceber os sinais de Deus na vida e na história e disponíveis para testemunhar a presença libertadora de Deus na humanidade.

2. Naquele momento e naquele lugar, ainda que de forma discreta e silenciosa, é Deus o protagonista da história e o centro do acontecimento. Simeão e Ana apenas realçam o valor desta presença, o significado existencial e histórico da promessa divina cumprida e o sentido deste gesto de apresentação e de consagração de Jesus no templo santo de Deus.

Na génese e no coração de vidas oferecidas e dadas a Deus está sempre a consagração nas suas mais diversas formas. Também aqui a iniciativa divina tem sempre o seu lugar primordial.

Lembremos o que nos diz João Paulo II: “Na tradição da Igreja a vida consagrada é considerada como um singular e fecundo aprofundamento da consagração baptismal, visto que nela a união íntima com Cristo, já inaugurada no Baptismo, evolui para o dom de uma conformação expressa e realizada mais perfeitamente” ... e é o Espírito “que forma e plasma o espírito dos que são chamados, configurando-os a Cristo”. Como Jesus, o consagrado(a) não tem outro bem além do Reino, outra família além da de Deus, outro projecto que não seja o do Pai. (cf. Ex. Ap. Vida Consagrada, n.ºs 19 e 30).

3. Quem, melhor do que Paulo, discípulo chamado por Cristo e seduzido pelo Reino, conseguirá dizer com esta verdade e clareza: “para mim, viver é Cristo”? Quem, melhor do que os consagrados(as) entregues a Deus para servir humanidade, afirmará diariamente com igual coerência e com a mesma autenticidade: “para mim, viver é Cristo”? Que melhor escola de vocação, de perseverança e de santidade encontraremos do que esta em que Cristo é o nosso mestre e modelo? O consagrado encontra, ao jeito dos discípulos de Jesus na escola do mestre, no silêncio contemplativo, na escuta atenta e orante da Palavra e na experiência intensa da missão a sua razão de ser e de viver.

Por outro lado, continua sempre um permanente inquieto na busca do mistério eterno de Deus que o ama e o escolheu desde sempre e para sempre.

O Ano Paulino convida-nos a ir ao coração deste mistério inesgotável de Deus, fonte de vocação, de consagração e de fidelidade e lugar de bênção e de graça donde nascem e florescem as novas vocações. Sem esta dimensão contemplativa do mistério santo de

Deus e da escuta atenta da Sua Palavra, origem do conhecimento e da vida em Cristo, força mobilizadora para a missão e dinamismo inspirador do amor à Igreja, como poderemos nós traduzir o Evangelho nas novas linguagens da cultura com “novo ardor, novo entusiasmo e novos métodos”?

Ao mergulhar no mistério de Deus, o consagrado(a) reencontra e refaz diariamente na sua vida e missão este amor original de Deus que o escolheu. Daí emerge igualmente no(a) consagrado(a) em cada manhã a liberdade, a disponibilidade e a abertura para a compreensão dos caminhos que urge percorrer para que “o Evangelho seja colocado na vanguarda do tempo” e na universalidade das culturas, como tão bem o soube fazer S. Paulo.

Que S. Paulo nos ajude a perceber e a viver nesta certeza de fé a alegria e a generosidade de consagrados(as) e a descobrir o sentido permanente de vidas dadas por amor onde o rosto da Igreja se faz mais belo e se torna mais eficaz a sua missão .
Aveiro, 4 de Janeiro de 2009, Solenidade da Epifania do Senhor

D. António Francisco dos Santos

Bispo de Aveiro e Presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios

2009

MISSA COM CRIANÇAS – 4° Domingo B

1. Uma pequena história:

- a) Em certa cidade, apareceu um profeta. Um profeta não fala de si. Fala algo que recebeu de alguém. Falava palavras de Deus. Mas falava com tal entusiasmo, que à sua volta se juntavam muitas pessoas. E o número era cada vez maior, vindos de muitos lados...
- b) Até que um dia, o profeta começou a tocar na vida de cada um. E a dizer: «é preciso que tu mudes de vida». «E tu deves partilhar o que tens a mais»... «E tu deves amar apenas a tua esposa»... «E tu deves deixar o vício do jogo»... A partir de então, muitos começaram a desaparecer e nem sequer queriam ouvir falar do profeta, quanto mais ouvir o profeta. Um a um, depois todos, até ficar nenhum... O profeta ficou sem ouvintes.
- c) Mas o profeta continuava a pregar, sem ouvintes. Até que um homem que por ali passava, perguntou: «porque pregas, profeta? Se ninguém te ouve?!». Respondeu o profeta: Até agora preguei, para converter os meus irmãos à Palavra de Deus. Agora prego para não me converter eu à palavra dos meus irmãos»...

2. Esta foi um pouco a história de Jesus.

- a) «Falava com tal autoridade» que todos ficavam maravilhados. E eram muitos os ouvintes e os olhos fitos de quantos se encontravam na sinagoga, na sua «igreja paroquial»...
- b) Mas um dos ouvintes sentiu-se «perturbado», «agitado»... algo estava a mexer dentro dele. E ele não queria. Ele não queria deitar a perder os seus velhos hábitos, os seus costumes... Por isso protesta. Por isso, grita. Dentro dele há uma luta: entre o desejo do bem e a força do mal. Jesus está ali, para o libertar. Mas ele resiste até ao fim.
- c) A força da Palavra de Jesus é extraordinária. Jesus conquistou o coração daquele homem dominado pelo mal. E todos puderam ver a força da Palavra de Jesus. Ele é mesmo um grande profeta! Diziam.

3. Hoje todos somos chamados a ser profetas. A termos a coragem de sermos diferentes. De tal modo que olhem para nós e se sintam admirados e incomodados:

- 3.1. Olha como aquele menino prefere a Missa a um jogo de futebol. Que grande amizade ele tem por Jesus? Que se passa no coração dele?
- 3.2. Olha como aquele menino tem tempo para rezar, para estar com Jesus. Deve ter muitas coisas a dizer a Jesus? Que se passará entre os dois? Como devem ser amigos?!

- 3.3. Olha como aquele menino prefere a aula de religião e moral a uma hora livre. Como deve ter um grande desejo de crescer?! A sua sede de sabedoria deve ser infinita!
- 3.4. Olha como aquele menino tem vontade de dar as suas coisas, de ajudar os seus colegas?! Deve ser mais feliz com essa ajuda do que ganhando tudo sozinho!

Somos profetas, quando os nossos gestos «calam» fundo... no coração dos outros. Somos profetas, não tanto pelo que dizemos, Pois são os nossos gestos que «falam» por nós. Que surjam muitos profetas, tirados do meio dos nossos irmãos, na nossa família, na nossa escola, na nossa catequese...

1. «**Que vem a ser isto**» (Mc.1,27)?! Poderá ser também a nossa pergunta de espanto e exclamação, depois de ouvirmos, ao vivo, Jesus no Evangelho! De facto, ninguém fica indiferente à presença e à novidade de Jesus. Jesus surpreende e provoca, não apenas pela Palavra que diz, mas pelos gestos que realiza! O Evangelho pode dividir-se em duas cenas!

2. **Na primeira cena**, registemos o comentário do evangelista: «*Jesus começou a ensinar e todos se maravilhavam com a sua doutrina*» (Mc.1,22). Não se chega a saber, qual o tema, qual o assunto, qual o conteúdo, do seu ensinamento. Pouco importa aqui... Pois Jesus surpreende, não tanto pelo que ensina, mas pelo *modo* como ensina: «*porque os ensinava com autoridade e não como os escribas*» (Mc.1,22). O que está em causa, não é a matéria de ensino; é a «*impressão*» que a pessoa de Jesus causa nos seus interlocutores. A sua autoridade vem-lhe, afinal, do **testemunho** da Verdade. Ele diz e faz. A sua Palavra actua... e os seus gestos falam por si!

Eis, nesta primeira cena, um desafio, sobretudo para **os educadores, pais, padres, catequistas e professores**. Ficai cientes disto: A autoridade, em educação, passa mais pelo que viveis e fazeis, e não tanto pelo que dizeis. Na tradição cristã, o testemunho faz parte essencial do anúncio. O testemunho da vida é a *forma simples e espontânea* de irradiar valores, é mesmo a credencial das palavras que dizeis, do ensino que praticais. Educareis muito mais pela *impressão*, pela *marca indelével*, que deixais nos alunos, nos filhos, nos catequizandos, pelo modo como vos relacionais com eles, do que pelos conteúdos que leccionais ou pelos «sermões» que lhes pregais.

3. «**Vieste para nos perder**»?

A segunda cena pode chamar mais a atenção dos mais jovens! Gostava que tomásseis, para vós as palavras daquele «*homem, com um espírito impuro*» (Mc.1,23). Ele, ao sentir a proximidade de Jesus, e a força libertadora da sua Palavra, reage furioso, com esta pergunta: «*Que tens tu a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder*» (Mc.1,24)?

Olhai: não representará este homem, cada um de nós? O Homem, com o espírito impuro, é a figura da pessoa, prisioneira dos seus instintos, escravizada pelos seus vícios, fechada sobre si mesma, dominada pelas trevas da ignorância, atada pelos seus muitos medos. É, por isso, uma criatura isolada, cercada, incapaz de se abri e relacionar. Todavia, aquele homem não resiste à presença e à proximidade de Jesus! Tem medo. Medo que Jesus desarranje a sua vida, medo que Jesus ponha em causa o seu lugar, medo de se comprometer com Jesus. «*Sei quem tu és, o Santo de Deus*» (Mc.1,24). Ele bem vê a diferença. E admira Jesus. Ele sabe que Jesus é o Messias, mas não quer que Jesus se meta com a sua vida: «*que tens tu que ver connosco, Jesus de Nazaré*» (Mc.1,24)?

4. «Que tens tu que ver conosco, Jesus de Nazaré» (Mc.1,24)?

“Não será, caros jovens, caríssimos irmãos, que este é o medo de todos nós? Não será que, bem lá no fundo do nosso coração, há este medo de nos abrimos totalmente a Cristo, medo de deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós? Medo de que Ele nos tire algo na nossa vida? Não teremos, porventura, medo de renunciar a qualquer coisa de grande, de único, que torna a vida assim tão bela? Alguns jovens temem, em seus pensamentos: *“se deixo Cristo entrar, não me arriscarei, a encontrar-me, depois, na angústia e privado da liberdade”*?

Não, caros jovens! Quem deixa entrar Cristo, não perde nada, nada – absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande (cf. Bento XVI, Homília para o início do ministério de supremo pastor, 24 de Abril de 2005; citada na Festa de Acolhimento dos Jovens em Colónia, 18 de Agosto de 2005):

Só nesta amizade com Jesus, é que se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade, é que se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade podemos, experimentar aquilo que é belo e o que liberta”!

Fazei então, calar todos esses medos, para que Cristo vos liberte! *“Quero dizer-vos a vós, caros jovens: Não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, e dá tudo! Quem se dá a Ele, recebe cem vezes mais. Sim, abri, escancarai as portas a Cristo – e encontrareis a verdadeira vida”* (Ibidem)!

Homília no IV Domingo Comum B 2006 (perspectiva evangelizadora)

1. «**Que vem a ser isto**» (Mc.1,27)?! Ninguém fica indiferente à presença e à novidade de Jesus. Jesus **surpreende** e **provoca**, não apenas pela Palavra que diz, mas pelos gestos que realiza! Deixemo-nos também provocar pelo Evangelho, em qualquer uma das duas cenas que nos apresenta:

2. Na primeira cena, registemos o comentário do evangelista: «*Jesus começou a ensinar e todos se maravilhavam com a sua doutrina*» (Mc.1,22). Não se chega a saber, qual o tema, qual o assunto, qual o conteúdo, do seu ensinamento. Pouco importa aqui... Pois Jesus surpreende, não tanto pelo que ensina, mas pelo modo como ensina: «*porque os ensinava com autoridade e não como os escribas*» (Mc.1,22). O que está em causa, não é a matéria de ensino; é a «*impressão*» que a pessoa de Jesus causa nos seus interlocutores. NEle não há desacordo entre o ser, o dizer e o fazer. A sua autoridade vem-lhe, afinal, do **testemunho** da Verdade. Ele diz e faz. A sua Palavra actua... e os seus gestos falam!

3. Passemos à segunda cena de provocação! Um «*homem, com um espírito impuro*» (Mc.1,23), ao sentir a proximidade de Jesus e a força libertadora da sua Palavra, reage furioso, com esta pergunta: «*Que tens tu a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder*» (Mc.1,24)? Aquele homem, pese embora o seu fechamento, a sua vida isolada, os seus muitos medos, acaba por não resistir à presença e à proximidade de Jesus, que o provoca, mais pelo que é, do que pelo que diz: «Sei quem tu és. O Santo de Deus»!

4. Creio que poderíamos deduzir do estilo evangelizador de Jesus, uma outra maneira de evangelizar: **Evangelizar por provocação**: Trata-se simplesmente de assumir e testemunhar, corajosamente a diferença que nos distingue, no seio da cultura dominante, sem precisar de «falar». Douvos, em jeito de Decálogo, alguns exemplos mais significativos para os tempos que correm:

1. Dedicar algum tempo da semana à oração; ser fiel à Eucaristia dominical, assumir algum compromisso na comunidade, é uma santa

provocação, face a uma cultura que esqueceu o dever e a dívida, para com Deus e para com o próximo!

2. Fazer qualquer coisa pelos outros e trabalhar de graça, em prole dos demais, é uma provocação, não gratuita, ali, onde impera, a lógica comercial, segundo a qual **“tempo é dinheiro”** e **“não há tempo a perder”**.
3. Partilhar, com alegria e simplicidade, os bens, espirituais e materiais, é um *sinal de contradição*, para a chamada cultura do individualismo, cuja aposta é fazer cada um investir em si, em ordem a cada um **“ganhar a sua própria vida”**.
4. Perdoar as ofensas recebidas, é uma loucura evangélica, que provocará a indignação de uma sociedade, em que a regra de ouro social é vingarse e **“ficar por cima”**.
5. Acolher, atender e tratar, com especial atenção e carinho, os mais pequenos, os mais fracos, os mais humildes, os mais pobres, dando o primeiro lugar aos últimos, é uma *subversão evangélica* dos costumes sociais dominados pelo poder do mais forte;
6. Cultivar o amor e o gosto pela vida, é um desafio urgente, numa cultura que chega ao ponto de transformar a morte, a crueldade e a violência, em divertimento, pervertendo por completo a alegria de viver;
7. Viver a fidelidade no amor, e a castidade, como dom e domínio de si mesmo, salvaguardando sempre a integridade do corpo e do espírito, a sinceridade dos gestos e a autenticidade dos afectos... é uma *desavergonhada provocação*, à cultura do corpo sacrificado, do corpo reciclado e transformado em objecto ou mercadoria de consumo, numa sexualidade, que é puro divertimento, sem responsabilidade.
8. Assumir pessoalmente a responsabilidade, o pecado e a culpa, quando se erra e se falha, é uma posição incómoda, para uma cultura em que culpa morre solteira ou é simplesmente sujeita a um *inquérito rigoroso*;
9. Cultivar o silêncio, apreciar o canto do pássaro, ouvir boa música, de modo a reconduzir os sentidos do corpo à luz da consciência e da

razão, é uma *nota provocatória* face a uma cultura fragmentária, onde impera o barulho, a desordem interior e a exaltação caótica dos sentidos;

10. Prezar e apreciar uma vida simples, saudável, capaz de gozar a frescura de um fio de água, o sabor de um naco de pão, a alegria de uma caneca de vinho, é uma ementa picante, para uma cultura da curtição, intoxicada pela coca-cola, pela comida plástica, pelo fumo e pelas bebidas brancas.

São afinal estilos «proféticos» de vida, que provocam, que «marcam» mais do que as palavras e funcionam, em contra-corrente, como sinais de contradição; gestos que falam, sementes de Boa Nova, que, pelo seu excesso e diferença, vão transformando o mundo, e fazendo emergir dele o Reino de Deus!

Homilia no IV Domingo Comum B 2006 (perspectiva vocacional)

1. «**Que vem a ser isto**» (Mc.1,27)?! Poderá ser também a nossa pergunta de espanto e exclamação, depois de ouvirmos, ao vivo, Jesus no Evangelho! De facto, ninguém fica indiferente à presença e à novidade de Jesus. Jesus surpreende e provoca, não apenas pela Palavra que diz, mas pelos gestos que realiza! O Evangelho pode dividir-se em duas cenas!

2. Na **primeira cena**, registemos o comentário do evangelista: «*Jesus começou a ensinar e todos se maravilhavam com a sua doutrina*» (Mc.1,22). Não se chega a saber, qual o tema, qual o assunto, qual o conteúdo, do seu ensinamento. Pouco importa aqui... Pois Jesus surpreende, não tanto pelo que ensina, mas pelo modo como ensina: «*porque os ensinava com autoridade e não como os escribas*» (Mc.1,22). O que está em causa, não é a matéria de ensino; é a «*impressão*» que a pessoa de Jesus causa nos seus interlocutores. A autoridade de que goza não é institucional, não lhe vem da dignidade sacerdotal, não é uma autoridade jurídica! A sua autoridade vem-lhe de «dentro», da «verdade de si mesmo» daquilo que Ele é: ele é a Palavra, que se fez Carne. Ele é a Verdade, em Pessoa. Ele é totalmente sincero e fiel. NEle não há desacordo entre o ser, o dizer e o fazer. A sua autoridade vem-lhe, afinal, do **testemunho** da Verdade. Ele diz e faz. A sua Palavra actua... e os seus gestos falam!

Eis, nesta primeira cena, um desafio, sobretudo para **os educadores, pais, padres, catequistas e professores**. Ficai cientes disto: A vossa autoridade, em educação, passa mais pelo que viveis e fazeis, e não tanto pelo que dizeis. Na tradição cristã, o testemunho faz parte essencial do anúncio. O testemunho da vida é a *forma simples e espontânea* de irradiar valores, é mesmo a credencial das palavras que dizeis, do ensino que praticais. Educareis muito mais pela *impressão*, pela *marca indelével*, que deixais nos alunos, nos filhos, pelo modo como vos relacionais com eles, do que pelos conteúdos que leccionais ou pelos «sermões» que lhes pregais.

3. «**Vieste para nos perder**»?

A segunda cena pode chamar mais a atenção dos mais jovens! Gostava que tomásseis, para vós as palavras daquele «*homem, com um espírito impuro*» (Mc.1,23). Ele, ao sentir a proximidade de Jesus, e a força libertadora da sua Palavra, reage furioso, com esta pergunta: «*Que tens tu a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder*» (Mc.1,24)?

Olhai: não representará este homem, cada um de nós? O Homem, com o espírito impuro, é a figura da pessoa, prisioneira dos seus instintos, escravizada pelos seus vícios, fechada sobre si mesma, dominada pelas trevas da ignorância, atada pelos seus muitos medos. É, por isso, uma criatura isolada, cercada, incapaz de se abrir e relacionar. Todavia, aquele homem não resiste à presença e à proximidade de Jesus! Tem medo. Medo que Jesus desarranje a sua vida, medo que Jesus ponha em causa o seu lugar, medo de se comprometer com Jesus. «*Sei quem tu és, o Santo de Deus*» (Mc.1,24). Ele bem vê a diferença. E admira Jesus. Ele sabe que Jesus é o Messias, mas não quer que Jesus se meta com a sua vida: «*que tens tu que ver connosco, Jesus de Nazaré*» (Mc.1,24)?

4. «Que tens tu que ver connosco, Jesus de Nazaré» (Mc.1,24)?

“Não será, caros jovens, caríssimos irmãos, que este é o medo de todos nós? Não será que, bem lá no fundo do nosso coração, há este medo de nos abirmos totalmente a Cristo, medo de deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós? Medo de que Ele nos tire algo na nossa vida? Não teremos, porventura, medo de renunciar a qualquer coisa de grande, de único, que torna a vida assim tão bela? Alguns jovens temem, em seus pensamentos: “*se deixo Cristo entrar, não me arriscarei, a encontrar-me, depois, na angústia e privado da liberdade*”?

Não, caros jovens! Quem deixa entrar Cristo, não perde nada, nada – absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande (cf.

Bento XVI, Homilia para o início do ministério de supremo pastor, 24 de Abril de 2005; citada na Festa de Acolhimento dos Jovens em Colónia, 18 de Agosto de 2005)!

Só nesta amizade com Jesus, é que se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade, é que se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade podemos, experimentar aquilo que é belo e o que liberta”!

Homilia no IV Domingo do Tempo Comum B 2000

1. **“Que tens Tu a ver connosco, Jesus de Nazaré”?** É a palavra violenta, de um homem completamente perdido. É o grito de protesto, de um homem acorrentado nos seus próprios males e vícios. Dos pés à cabeça, por dentro e por fora, aquele homem sente tanto a força destruidora do mal, que há muito o corrói, como a força libertadora de Cristo, que ali tão próximo o interpela. Diante da Palavra de Jesus, a única que tem a força de salvação, ele estremece. Sabe bem diante de quem está! «Sei quem tu és: o Santo de Deus» - diz. Mas ainda assim, tenta resistir até ao limite das suas forças.

2. **“Que tens tu a ver connosco, Jesus de Nazaré”?** Como se perguntasse: «que direito tens Tu de te meteres na minha (na nossa) vida? Porque há-de a tua Palavra incomodar tanto os nossos hábitos? Porque há-de a tua mensagem mudar o curso da nossa História? Porque não deixas a força da tua Palavra tocar apenas os sentimentos íntimos? Porque hás-de falar, de modo a que tudo o que julgávamos importante na nossa vida, se deite a perder»? **«Vieste para nos perder»?** Vieste para estragar a nossa vida?! Com que direito? Porque não há-de ficar tudo aqui, encerrado nestas quatro paredes da sinagoga? Porque te hás-de meter com os podres da minha vida e com os males da sociedade, de que sou parte e fruto?

3. **Que tens tu a ver connosco, Jesus de Nazaré”?** A pergunta, de inspiração diabólica, (não é o «vinho» que fala por ele, mas o diabo!) traduz-se hoje de forma mais rebuscada. Como se muitos pensadores da praça protestassem

assim: «Que tem a religião a ver com a sociedade»? Que tem a Igreja a ver com o Estado? Que tem a mensagem de Jesus a ver com as nossas virtudes públicas e vícios privados? Que tem o Evangelho, a ver com a política? Que tem Cristo a ver com o mundo? E, quiçá, com medo de perderem a liberdade, a autonomia, a voz própria, alguns defender-se-ão atacando: «deixem a Igreja na sacristia», metam a fé na gaveta dos assuntos particulares de cada um!

4. A estas perguntas insolentes de alguns políticos adolescentes é preciso responder como Jesus: «cala-te». E calam-se os «espíritos deste mundo», quando a nossa palavra «fala alto», quando o nosso testemunho «cala» fundo; quando a nossa presença interpela e incomoda. É preciso que haja, de novo, profetas, jovens e adultos, gente, nova e menos nova, que pelo seu testemunho, fale de Deus ao mundo. São precisos profetas, homens e mulheres, não caídos do céu, nem chegados da Lua, mas tirados do meio dos irmãos.

5. E são profetas que falam com autoridade, no meio dos irmãos:

- aqueles que, no meio de uma sociedade que consome o sexo como artigo de primeira necessidade, sabem testemunhar o valor sublime da pureza e da virgindade, a beleza simples da amizade pura, e a linguagem sincera do corpo e dos sentimentos; numa harmonia plena do corpo e do espírito;

- aqueles que, no meio de uma sociedade, sufocada pelos interesses do mundo, procuram agradecer a Deus, encontrar tempo para Ele, preferindo o silêncio ao barulho, a luz clara da festa ao esconderijo podre dos vícios, a alegria da dádiva ao escândalo da dívida;

- aqueles que, no meio de uma cultura da diversão, preferem uma hora na aula de religião e moral, a cinquenta minutos de vazio e desperdício; mesmo sob o olhar suspeito e, às vezes, ditador, da maioria dos colegas;
- aqueles que, no meio de tantas solicitações, escolhem a catequese e a Missa, em detrimento de uma qualquer ocupação de tempos livres; correndo o risco do riso e saboreando o gozo perfeito da liberdade;
- aqueles que, no meio da indiferença dos que passam ao lado do grito de protesto dos irmãos, os olham de frente, os tocam e servem sem medo.
- aqueles que, no meio deste pântano de fidelidades a prazo e vidas à experiência, se consagram num amor familiar responsável.

Que o Senhor faça surgir, do meio dos nossos irmãos, profetas assim. Com autoridade. Que falam alto pelo que são e calam fundo pelo que fazem!

Homilia no IV Domingo do Tempo Comum B 1994

1. Falar com autoridade...

Um pregador de sucesso na sinagoga de Cafarnaum. Em dia de sábado lá entrou Jesus sem a lição estudada, sem as palavras escolhidas, sem o discurso preparado. Do outro lado, os homens do saber, os escribas, especialistas da Escritura. Sabiam de cor as passagens da Lei e dos Profetas, tinham opiniões muito sabidas. Falavam muito, mesmo diante dos olhos já adormecidos da assembleia que fazia o favor de ir bocejando, para dar sinais de Vida. Jesus, ao contrário, começou a ensinar e todos se maravilhavam com a sua doutrina.

2. Ter autoridade para falar...

Que vem a ser isto? Onde está o segredo da maravilha que o ensino de Jesus oferecia? *Donde lhe vinha tal autoridade?* Ele mesmo, Jesus, a sua Pessoa, a sua Vida, eram um ensino. Quer dizer, Jesus falava com os seus gestos, com actos concretos, com a Vida. O seu ensinamento não era teórico. Os escribas comentavam a palavra de Deus e inventavam...mas sem passar pelo coração e pela vida o que diziam de cabeça. Ora Jesus fala com autoridade. **Faz o que diz. Mais, faz ao dizer. Jesus diz quem é pelo que é e pelo que faz, mais do que pelo que diz.** Numa palavra, toda a sua vida, os seus silêncios, os seus milagres, as suas atitudes, a sua oração, foram um contínuo ensinar. Desse testemunho vivo *lhe vinha toda a força, todo o encanto e toda a simplicidade das suas palavras. As suas palavras apenas serviam de chave para a compreensão e o sentido dos seus gestos, do seu ser.*

Talvez a nossa atenção se tenha fixado mais ainda naquele homem a quem Jesus libertou de um espírito impuro. Porque os gestos falam melhor. Diante de Jesus está um homem, dominado e subjugado por algo que *lhe é estranho, o Homem fechado no seu mundo, o Homem impedido de agir e de pensar por si. É o Homem vítima do seu pecado. O Homem prisioneiro do mal, encerrado num círculo de egoísmo, de interesse próprio. Diante do Mestre, vem ao de cima a verdade mais profunda daquele homem. O mal que o domina entra em conflito com a força e a Palavra de Jesus. «Que tens que ver conosco, Jesus de Nazaré, viestes para nos perder?»* O primeiro

milagre de Jesus é fazer aquele homem voltar à consciência de si mesmo, à liberdade, libertando-o do mal. *E o espírito impuro, agitando-o violentamente, soltou um forte grito e saiu dele...* Todo este relato da expulsão do espírito impuro serve como sinal visível e eficaz da força da Palavra de Jesus. Quer dizer, a Palavra de Jesus nasce tão de dentro dEle que ao chegar ao coração dos Homens tem a força de os arrancar do mal e de os abrir à liberdade do amor. Portanto, Jesus não só ensina de maneira diferente e ensina coisas novas, como também a sua Palavra é acompanhada de um gesto de libertação. Os gestos de Jesus falam e revelam ser verdade o que Ele diz no seu ensino.

3. E não falar por falar...

Porquê, então hoje, se perdeu o encanto da escuta da Palavra? Porque são sem vida as nossas palavras, o nosso ensino? Alguém começa o discurso e mudamos de canal. Vem a Palestra e entretemo-nos a fazer desenhos no papel. Fala o Padre e aproveitamos para uns minutos de distracção ou para pôr a reza ou o sono em dia. O Pai fala e entretanto o Filho bate a porta. E é preciso dizê-lo: porque embora tenhamos o poder falta-nos a autoridade. A maior parte das vezes falamos por falar, falamos vagamente com medo de pôr o dedo na ferida. Temos telhados de vidro. Por trás das palavras e nas entrelinhas não se esconde nenhuma vida, nem um testemunho, nem uma voz. Neste Ano Internacional da Família, caberia perguntar se a crise de autoridade dos pais não estará nesta falta de testemunho? Como ensinar aos filhos sem uma vida que seja ela mesma um ensino? Não é a nossa «autoridade» que dá força às nossas palavras. É a nossa Vida que dá autoridade às nossas palavras. Bem prega Frei Tomás. Mas a esse já ninguém ouve...

Lectio Divina da 2ª leitura do IV Domingo Comum B

1 Cor 7,32-35

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

32

Irmãos:

Não queria que andásseis preocupados.

Quem não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor, com o modo de agradar ao senhor.

33

Mas aquele que se casou preocupa-se com as coisas do mundo, com a maneira de agradar à esposa,

34

e encontra-se dividido.

Da mesma forma, a mulher solteira e a virgem preocupam-se com os interesses do Senhor, para serem santas de corpo e espírito.

Mas a mulher casada preocupa-se com as coisas do mundo, com a forma de agradar ao marido.

35

Digo isto no vosso próprio interesse e não para vos armar uma cilada.

Tenho em vista o que mais convém e vos pode unir ao Senhor sem desvios.

I. Lectio: O que diz o texto?

1. Contexto (ambiente) da Carta:

Paulo escreveu esta Carta em Éfeso, durante a terceira viagem missionária, para remediar os abusos, nomeadamente as divisões e escândalos de que teve conhecimento por mensageiros vindos de Corinto (1,11), e para responder às questões que lhe foram postas por escrito (7,1).

A comunidade cristã de Corinto é uma comunidade tipicamente grega, que mergulha as suas raízes numa cultura-ambiente marcada por grandes contradições.

As diversas escolas filosóficas que existiam na cidade (e um pouco por todo o mundo grego) tinham perspectivas muito diversas sobre o sentido da vida e sobre a forma de chegar à felicidade e à realização plena. As propostas de caminho apresentadas por essas escolas eram, frequentemente, divergentes e mesmo opostas.

Um dos sectores onde se nota, particularmente, esse balançar entre caminhos opostos, é nas questões de **ética sexual**. Neste âmbito, a cultura coríntia oscilava entre dois extremos: por um lado, um grande laxismo (como era normal numa cidade marítima, onde chegavam marinheiros de todo o mundo e onde reinava Afrodite, a deusa grega do amor); por outro lado, um desprezo absoluto pela sexualidade (típico de certas tendências filosóficas influenciadas pela filosofia platónica, que consideravam a matéria um mal e que faziam do não casar um ideal absoluto).

O desejo de Paulo é o de apresentar um **caminho equilibrado, face a estes exageros**: condenação sem apelo de todas as formas de desordem sexual, defesa do valor do casamento, elogio do celibato (cf. 1 Cor 7).

Provavelmente, os coríntios tinham consultado Paulo acerca do melhor caminho a seguir – o do matrimónio ou o do celibato.

2. Contexto (do texto) na Carta:

Paulo responde à questão no capítulo 7 da Primeira Carta aos Coríntios (de onde é retirado o texto da nossa leitura). Paulo considera que não tem, a este propósito, “nenhum preceito do Senhor”; no entanto, o seu parecer é que quem não está comprometido com o casamento deve continuar assim e quem está comprometido não deve “romper o vínculo” (1 Cor 7,25-28). Na perspectiva de Paulo, os cristãos não devem esquecer que “o tempo é breve”, quando tiverem que fazer as suas opções – nomeadamente, quando tiverem que fazer a sua escolha entre o casamento ou o celibato.

3. Algumas perguntas:

1. Quais os principais objectivos das recomendações de Paulo? (vv.32;35)
2. Quem anda preocupado? Há alguém «despreocupado»? (vv.33;34)
4. Que tipo de preocupação tem a pessoa casada? (vv.33)
5. Que tipo de preocupação tem a pessoa não casada? (vv.33)
6. De que tipo de liberdade dispõe a pessoa não casada?
7. Qual a finalidade e o uso dessa liberdade?

4. Mensagem: Paulo estará, aqui, a desvalorizar a vida conjugal e a sexualidade? Estará a dizer que o matrimónio é um caminho a evitar, ou é um caminho que afaste de Deus? De modo nenhum. Para Paulo, o casamento é uma realidade importante (ele considera que tanto o casamento como o celibato, são dons de Deus – cf. 1 Cor 7,7); mas não deixa de ser uma realidade terrena e efémera, que não deve, por isso, ser absolutizada. Paulo nunca diz que o casamento seja uma realidade má ou um caminho a evitar; contudo, é evidente, nas suas palavras, uma certa predilecção pelo celibato... Na sua perspectiva, o celibato leva vantagem, enquanto caminho que aponta para as realidades eternas:

anuncia a vida nova de ressuscitados que nos espera, ao mesmo tempo que facilita um serviço mais eficaz a Deus e aos irmãos.

Na verdade, as palavras de Paulo fazem sentido em todos os tempos e lugares; mas elas tornam-se mais lógicas se tivermos em conta o ambiente escatológico que se respirava nas primeiras comunidades. Para os crentes a quem a Primeira Carta aos Coríntios se destinava, a segunda e definitiva vinda de Jesus estava iminente; era preciso, portanto, preocupar-se com as coisas de Deus e relativizar as realidades transitórias e efémeras, entre as quais se contava o casamento.

II. Meditatio: O que me diz o Senhor neste texto?

1. As realidades terrenas são passageiras e efémeras e não devem, em nenhum caso, ser absolutizadas. Não se trata de propor uma evasão do mundo e uma espiritualidade descarnada, insensível, alheia ao amor, à partilha, à ternura; mas trata-se de avisar que as realidades desta terra não podem ser o objectivo final e único da vida do homem. “A profecia da virgindade, longe de ser contra os casados, é sobretudo, para eles, em seu benefício. Recordá-lhes que o matrimónio é santo, é belo, foi criado por Deus e redimido por Cristo, é imagem do desposório entre Cristo e a Igreja, mas... não é tudo. É uma estrutura ligada a este mundo e, por isso, transitória. Deixa de existir onde já não existe a morte. Aos casados, a virgindade recorda o primado do espírito e de Deus. Recorda que Deus nos fez para Ele e, que, por isso, o nosso coração estará sempre insatisfeito, enquanto não encontrar nEle repouso” (R. Cantalamessa).

2. Quais as nossas prioridades? Ancorarmos a nossa vida em realidades transitórias?

3. A virgindade consagrada, por amor do Reino, nem sempre é um valor compreendido, à luz dos valores da nossa sociedade. Paulo, contudo, sublinha o valor da virgindade como valor autêntico, pois anuncia o mundo novo que há-de vir e disponibiliza para o serviço de Deus e dos irmãos. É sinal de desprendimento, de doação, de disponibilidade e deve ser positivamente valorizada. Aqueles que são chamados a viver dessa forma não são gente estéril e infeliz, alheia às coisas bonitas da vida, mas são pessoas generosas, que renunciaram a um bem (o matrimónio) em vista da sua entrega a Deus e aos outros. Valorizo a vocação religiosa ou sacerdotal ou as diversas formas de consagração secular?

III. Oratio: O que digo ao Senhor, que me fala neste texto?

“Criaste-nos, para Vós, Senhor, e o nosso coração, não descansa, enquanto não repousar em Vós”! (Santo Agostinho)!

“Tomai, Senhor, e recebei
toda a minha liberdade,

a minha memória,
o meu entendimento
e toda a minha vontade,
tudo o que tenho e possuo;

Vós mo destes;
a Vós, Senhor, o restituo.

Tudo é vosso,
disponde de tudo,
à vossa inteira vontade.

Dai-me o vosso amor e graça,
que esta me basta”.

(Santo Inácio de Loyola)

IV. Contemplatio: Que me é dado saborear?

Meu Pai,
Eu me abandono a Ti,
Faz de mim o que quiseres.
O que fizeres de mim,
Eu Te agradeço.

Estou pronto para tudo, aceito tudo.
Desde que a Tua vontade se faça em mim
E em tudo o que Tu criastes,
Nada mais quero, meu Deus.

Nas Tuas mãos entrego a minha vida.
Eu Te a dou, meu Deus,
Com todo o amor do meu coração,
Porque Te amo
E é para mim uma necessidade de amor dar-me,
Entregar-me nas Tuas mãos sem medida
Com uma confiança infinita
Porque Tu és...
Meu Pai!
(Charles de Foucauld)

V. Actio: Que fazer?

- Rezar pelas Vocações Consagradas
- Deixar-se interpelar pelo apelo a um seguimento mais radical?
- “Senhor, que quereis que eu faça” (S. Francisco)